

## 8 Considerações Finais

Este trabalho examinou o uso de mapas mentais enquanto ferramenta para registro e armazenamento de conteúdos em aulas individuais de inglês com o objetivo majoritário de ter uma avaliação dessa inserção a partir do ponto - de vista dos aprendizes. Paralelamente, a pesquisa põe os mapas mentais em foco a fim de que professores de LE, não necessariamente só de inglês, também possam considerar essa ferramenta para a avaliação e possível aplicação em seus contextos de ensino e aprendizagem. Esta pesquisa buscou ainda estimular uma postura mais reflexiva por parte do professor em termos dos aparatos à sua disposição para o ensino, pois um recurso pedagógico, seja de qual ordem for, tem mais valor quando ambos, professores e aprendizes, conseguem extrair benefícios e inscrever valor a ele.

Os aparatos teórico-metodológicos empregados nesta pesquisa me permitiram compreender com mais propriedade aplicações para os mapas mentais diversas das que eu havia inicialmente concebido. Isto pode indicar que houve uma apropriação deste recurso, por parte do aprendiz. Iniciei a pesquisa concebendo o mapa como um instrumento multimodal de registro dos conteúdos das aulas para posterior revisão e acesso aos mesmos, por exemplo. Meus aprendizes conceberam o mapa como ferramenta ideal para resumo e estruturação de conteúdos não só externamente, no computador ou papel, mas também internamente, em suas mentes e memória.

Observaram também que o mapa mental complementa os outros recursos pedagógicos que já são utilizados no ensino. E, quanto ao aspecto multimodal dos mapas, representado sucintamente pela combinação de elemento verbal, cor e imagem, os aprendizes reconheceram seu valor e importância, fosse tal aspecto explorado, nos mapas de VD, ou não, nos mapas de MSM.

A questão do aspecto multimodal dos mapas remete, por sua vez, a discussão sobre letramentos. Apesar da análise dos dados ter indicado que o

contato com esses diferentes modos semióticos citados acima, bem como a exposição e desenvolvimento de uma estrutura radial, não linear, podem ter contribuído para a propagação de outros tipos de letramento junto aos aprendizes, um estudo mais aprofundado seria necessário para que resultados mais conclusivos pudessem ser obtidos.

Os aprendizes contemplados neste estudo viram nos mapas um aliado frente ao longo processo de aprendizagem de LE. O contato com mapas mentais e a experiência de confeccionar os próprios mapas fez com que os aprendizes refletissem sobre sua aprendizagem ao mesmo tempo em que se tornavam agentes mais participativos e ativos dentro desse processo.

Questões relativas aos estilos individuais de aprendizagem não foram exploradas nesta pesquisa. Porém, penso que este pode ser um caminho instigante em se pensando em futuras pesquisas, tendo em mente o que este trabalho contribuiu para revelar. A contribuição principal, neste sentido, foi categorizar o quão plástico e maleável este recurso pode ser e, com isso, atender a aprendizes com diferentes preferências de aprendizagem. MSM fez seus mapas à mão, não utilizou cores, imagens e nem variou muito as dimensões dos tópicos em seus mapas. VD fez seus mapas através do software instalado em seu computador. Fez uso de cores, imagens, dimensões mais variadas e até da língua materna.

Este fato corrobora com a recomendação de Buzan & Buzan (1994) para que os mapas sejam adaptados, ou melhor, apropriados pelo criador. Essa apropriação pode ser um caminho para atender aprendizes com diferentes estilos de aprendizagem. Um aprendiz cinestésico, por exemplo, pode se beneficiar de ter um lápis na mão e de poder, tal qual MSM mencionou em sua entrevista (linha 99), criar movimento para os conteúdos conforme estes são “desenhados”. Um aprendiz mais visual, por sua vez, vai contar com todo aparato de cores, imagens, dimensões, códigos.

Como mencionei, esta relação entre estilos de aprendizagem e mapas mentais me ocorreu conforme eu desenvolvia esta pesquisa e este tema, fica a sugestão, pode ser elucidador em pesquisas futuras.

Outra questão não explorada nesta pesquisa, mas não por isso menos instigante, é o desenvolvimento de mapas manualmente e digitalmente, contrapondo possibilidades e restrições impostas por cada um, tendo o ensino e a aprendizagem de LE como pano de fundo.

Por fim, gostaria de apontar que em nenhum momento, enquanto realizava esta pesquisa, concebi os mapas mentais como a solução de todas as dificuldades encontradas durante o processo de aprendizagem de inglês. Ao contrário, almejava descobrir neles possíveis caminhos que tornassem esse processo mais fácil e mais prazeroso para meus aprendizes, algo que os ajudasse a “percorrer caminhos de aprendizagem” (linha 108, entrevista MSM) ou conectar “linhas de pensamento” (linha 248, entrevista VD) e neste sentido, creio que o objeto escolhido para a minha pesquisa teve sua contribuição constatada.